

## **A LITERATURA E OS SETE SABERES: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA E TRANSDICCIPLINAR**

Maria do Socorro Pinheiro  
UECE/FECLI  
socorro.pinheiro@uece.br

### **Resumo:**

A literatura por meio de seus vários gêneros aborda questões essenciais sobre a vida. É uma área que lida com as especificidades humanas, utilizando uma linguagem metafórica, que permite a descoberta de outros possíveis modos de vida. Assim sendo, pretendemos neste trabalho discutir “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, elaborados pelo filósofo Edgar Morin (2002), a partir de textos literários, que tematizem a condição humana. Desta forma, “Os sete saberes” podem ser discutidos e analisados no contexto de sala de aula, por meio do texto literário, como um mecanismo de aprendizagem, visando a compreensão das potencialidades humanas. Nossa proposta metodológica consiste em mostrar que a poesia, gênero literário que alia as subjetividades humanas, promove a construção desses novos saberes. Para tanto, selecionamos alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Manoel de Barros e Thiago de Mello, para reflexões sobre o desenvolvimento de uma educação que integre a totalidade do ser. Esperamos que a literatura seja um espaço transdisciplinar, dialogando com outras áreas do conhecimento, para elevação, promoção e socialização humana.

**Palavras-chave:** Educação, Literatura, Ensino

### **Introdução:**

O desafio de uma educação integradora das potencialidades humanas visa a necessidade de relacionar outras áreas do conhecimento, para que juntas possam atender as exigências de um novo mundo, que se desponta com aparatos tecnológicos sofisticados e evoluídos. Não se pode educar isoladamente. Precisamos de todas as áreas de conhecimento para pensar numa educação que forme uma cidadania planetária. Como educar visando a capacidade humana do entendimento sem desenvolver a sensibilidade poética? Que tipo de educação pode intervir na construção de sujeitos reflexivos e atuantes no processo social e humano? São questões que nos levam a pensar, sobretudo nós educadores, que nos responsabilizamos pela formação de sujeitos.

Acreditamos que a literatura seja o ponto de partida para pensar uma educação integradora. As raízes da literatura estão centradas na linguagem, sendo esta a tônica

mobilizadora das ações de homens e mulheres, que atuam como sujeitos discursivos na construção de um mundo mais solidário. A linguagem expressa nossa condição de existir. Por meio dela, apresentamos nossa forma de pensar e de estar no mundo. A literatura é território da linguagem, mas não de qualquer linguagem. É a palavra poética, plurissignificativa, metaforizada, tornada símbolo, que se reveste de beleza e de sentidos, para dar ao texto literário possibilidades de significação. A literatura concebida como símbolo consegue ir muito mais longe do que outras formas de conhecimento na tradução de outras formas de existir.

Ao ler “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, elaborados por Edgar Morin (2002), observamos ser pertinente o estudo destes saberes pelo viés literário. Utilizar textos literários para discutir a educação na atual conjuntura social, política e capitalista talvez seja o mecanismo mais viável e mais confiável na busca de um entendimento do homem com o seu meio e consigo mesmo. A literatura tem caracterizado os grandes dilemas da vida humana. E por ser constituída de certas especificidades, ela alcança outras ciências. Na visão barthesiana (1977), todas as ciências estão no monumento literário. A literatura é acolhedora de outros saberes, como afirma Sébastien Joachim (2012, p. 12), ao afirmar a função materna da literatura, “uma função de anfitriã que acolhe com a mesma frente serena em sua ampla mansão o discurso multifacetado da Ciência”.

Por meio da literatura podemos discutir os saberes da educação, aliando uma convivência dinamizada pela linguagem e pondo o ser humano em comunicação com outros seres. Para este trabalho, escolhemos a poesia, gênero capaz de lidar com realidades complexas, de tecer as sensíveis ideias e transmutá-las em imagens. Com alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Manoel de Barros e Thiago de Mello, queremos analisar as possibilidades de trabalhar a educação integradora numa abordagem estética e hermenêutica, no espaço da sala de aula. A escolha por estes autores e não por outros justifica-se pela pertinência temática. Evidentemente que outros podem ser trabalhados em sala de aula e incluídos nas discussões sobre a educação do futuro, de forma atuante e transformadora, mas por questões didáticas e de afinidades decidimos, para este trabalho, pela escolha dos poetas supracitados.

## **A literatura e os saberes**

Quem pensa que a literatura não consegue adentrar os espaços do saber se surpreende quando encontra textos reflexivos capazes de promover discussões sobre os mais distintos temas. O diálogo entre a literatura e a educação está no primado do texto, uma tradução das expectativas de mundos que desejam uma ética da consciência. A literatura cria possibilidades de mudança, de transformação, de perspectiva de vida, pois está regida pela imaginação. Segundo Bachelard (2001, p. 01), “pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é, sobretudo, a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens”. A imaginação poética constrói um mundo alicerçado pela ótica da verdade possível, mostrando-nos coisas maravilhosas.

A literatura traz em seu cerne um material humano que é também material da educação. O homem vê seus próprios dilemas representados na literatura e talvez essa identificação seja a chave para entender a complexidade “do conhecimento pertinente”. Uma educação por meio da literatura garante a sobrevivência do pensamento reflexivo dotado de humanidade, sendo possível compreender o ser humano na sua dimensão multidimensional, “ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional” (MORIN, 2002 p. 38). Precisamos acreditar numa sociedade transformadora cuja ação parta do homem e volte ao homem com a mesma força. Uma forma de viabilizar essa ação é promover momentos de leitura de poemas em sala de aula e, em seguida, provocar discussões, por meio de rodas de conversa, texto escrito, peças teatrais, música, entre outras atividades.

O texto literário com seus mecanismos estilísticos e estéticos nos leva a perceber o mundo pelos sentidos (campo da visão, audição, tato, gustação e do cheiro), todos interligados. A percepção do todo é uma maneira de se aproximar do conhecimento pertinente e contextualizado. No diálogo que a literatura faz com outras ciências, com outros saberes, tende a se construir uma relação de aproximação. Segundo Barthes (1977, p. 17), “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso”. Ela não está fechada em si mesma. Ao contrário, se abre para outras formas de conhecimento. Barthes enfatiza o saber que a literatura tem sobre as coisas, sobre o homem e sobre o mundo. É um saber que se mobiliza e está em conexão com diferentes saberes.

Conduzidos pela mobilidade do saber não fragmentado, podemos enfrentar as mazelas da sociedade. De acordo com Edgar Morin (2002), o homem vive compartimentado, com isso se isola, secciona e se aprisiona em seus castelos de vento. A

experiência literária pode otimizar uma educação que nos ponha diante de nós mesmos, que nos integre com o cosmos e que nos faça enxergar a responsabilidade de cuidar do nosso planeta. Não fomos educados nas condições planetárias, mantendo elos com o universo. Não nos damos conta de que somos seres cósmicos, que causamos males ao planeta, e depois sofremos os impactos, por vezes, irremediáveis de nossas ações arbitrárias e estúpidas.

Como poderemos promover o surgimento de uma consciência de cidadania planetária? De que forma compreendemos o espaço social no qual estamos inseridos? Quem somos diante dessa multiplicidade de coisas que nos rodeiam? Como vemos o mundo e o outro que está ao nosso lado? Edgar Morin (2002) fala que uma das finalidades da educação do futuro é a compreensão. Mas não é uma compreensão qualquer, é a humana. O homem tem dificuldade de compreender a si mesmo e de compreender o outro homem. Também não fomos educados para essa finalidade. Ao contrário, vivemos a todo instante a disputa pelo poder e os tormentos do tempo.

A educação literária pode romper com essa chaga da incompreensão se usarmos uma consciência mobilizadora. Somos seres complexos e a literatura adentra os espaços mais íntimos da nossa condição humana, como prognosticou Ítalo Calvino (1990, p. 11), “minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar”, para promover uma abertura no nosso pensamento. A literatura fala do homem e de suas aflições. Solidariza-se com suas imperfeições. Ao colocar a literatura como instrumento para a compreensão humana, criamos uma pedagogia do respeito e da incorporação do outro. Por meio dela amenizamos as incompreensões e o lado animalesco do homem tende a se tornar menos selvagem. Estar junto do outro é o nosso grande desafio. É o maior desafio da educação na contemporaneidade.

### **Propondo metodologias**

Nossa consciência de cidadania planetária pode ser despertada pela leitura de textos literários. Ao ler desenvolvemos uma mentalidade que nos faz reconhecer e questionar nosso espaço social. Habilmente nossa criticidade se forma revelando uma compreensão sobre o mundo e o homem. A leitura de obras literárias amplia surpreendentemente nossa capacidade de reflexão e exercita nossa humanidade.

Para a convivência com o texto literário recorremos a metodologias que privilegiem os espaços de subjetividade. O exercício de análise literária e hermenêutica provoca uma visão humanizadora, integradora, sociável, libertária, consciente. No poema VI, de Manoel de Barros, vemos como a natureza vive irmanada.

Desde o começo do mundo água e chão se amam  
 E se entram amorosamente  
 e se fecundam.  
 Nascem peixes para habitar os rios.  
 E nascem pássaros para habitar as árvores.  
 As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das  
 suas lesmas.  
 As águas são a epifania da criação.  
 Agora eu penso nas águas do Pantanal.  
 Penso nos rios infantis que ainda procuram declives  
 para escorrer.  
 Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas para  
 alegria das garças. (2010, p. 39)

O poema mostra o envolvimento entre os elementos da natureza. Água e terra se amam, se tocam e se fecundam. O homem precisa aprender com a natureza a viver o processo da criação. Ver que há um tempo de espera. Água e terra fecundam os rios, nascem os peixes, pássaros, caracóis, lesmas. No elemento água há um momento de epifania. A geração da vida está permeada pela água, trazendo a imagem da fecundação, da pureza, da força vital. O poema nos revela a beleza da natureza, seu processo de intimidade amorosa. O poema se bem discutido provoca reflexões profundas sobre a natureza, sobretudo, o cuidado com a terra e o respeito pelo seu habitat.

É preciso criar por meio da poesia uma consciência planetária e ecológica. No poema “Borboletas”, de Manoel de Barros, verificamos a beleza de quem vive a condição de ser insetal.

Borboletas me convidaram a elas.  
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.  
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.  
 Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,  
 um mundo livre aos poemas.  
 Daquele ponto de vista:  
 Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.  
 Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.  
 Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.  
 Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.  
 Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de  
 uma borboleta.  
 Ali até o meu fascínio era azul. (2000, p. 14)

O primeiro verso é primoroso, mexe com a interioridade humana, “borboletas me convidaram a elas”. O eu poético foi seduzido pela condição insetal. Quantas coisas pode ver daquele ponto de vista! Há um viés filosófico nesse poema que desperta criticidade e promove ação e desejo de transformação. Questionamentos podem ser feitos aos alunos do ensino fundamental e médio: O que é ser borboleta? O que é ver o mundo na perspectiva da borboleta? O que pode representar esse fascínio azul? Muitas coisas podem ser discutidas nesse poema, por exemplo, a simbologia da borboleta, seu processo de metamorfose, suas várias fases. O homem tem várias fases e em quais delas ele pode ser melhor e compreender sua condição humana? Ser outros é ter a sensibilidade de querer renovar o mundo usando borboletas, como diz Manoel de Barros. E isso já é condição de metamorfose na educação.

A importância da natureza não se articula com o pensamento do homem, pela falta de consciência. A incompreensão do homem está gerando o caos planetário. A falta de um conhecimento pertinente e humanitário provoca reações desastrosas no meio ambiente. A insensatez do homem não o deixa ver que todos nós estamos interligados. O homem não sobrevive sozinho. Ele precisa da pedra, do sapo, das moscas, dos passarinhos. Qual é a configuração desse universo planetário mantido sob o jugo da tecnologia? Talvez um desastre intergaláctico se aproxime de nós, caso não tenhamos uma postura firme e dialógica que redimensione nossos comportamentos.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade pode nos ajudar a pensar sobre muitas questões humanas. O poeta de Itabira sintoniza o homem diante de si mesmo, elevando sua condição de ser reflexivo, de ser que pensa. No poema “Os ombros suportam o mundo”, Drummond ironiza a morte na vida sem Deus, sem amor, sem sonhos, se arrastando com o peso das guerras, das desordens, das fomes, dos ecos silenciosos e amortalhados de dores.

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
 Tempo de absoluta depuração.  
 Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
 Porque o amor resultou inútil.  
 E os olhos não choram.  
 E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
 E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
 Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
 mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
 És todo certeza, já não sabes sofrer.  
 E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
 Teus ombros suportam o mundo  
 e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
 As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
 provam apenas que a vida prossegue  
 e nem todos se libertaram ainda.  
 Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
 prefeririam (os delicados) morrer.  
 Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
 Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
 A vida apenas, sem mistificação. (1983, p. 37)

Que tempo é esse! Podemos ver como o homem se desvencilhou da vida, da fé, do amor, dos amigos. Ele se perdeu de si mesmo. Já não adianta morrer. A velhice não importa, o amor não importa. O que fazer numa sociedade sem espírito humano? Como ensinar a ética do futuro de que fala Edgar Morin (2002), se o homem perdeu sua dimensão cósmica? Ter consciência de sua fragilidade implica no reconhecimento das limitações, no respeito pelo próximo e pela diversidade de ideias. Cada verso desse poema acende uma luz que pode iluminar as consciências nas relações humanas, para aprender a conviver com as diferenças. O poema discute as consequências do tempo moderno e o sentimento de fracasso e pessimismo.

Nesse outro poema “Confissão” de Drummond, há a evidência da falta de amor tanto ao próximo quanto a si mesmo. Se o amor não se integra ao perfil da humanidade como elemento de unidade, sua ausência acaba sendo ponto de destruição.

Não amei bastante meu semelhante,  
 não catei o verme nem curei a sarna.  
 Só proferi algumas palavras,  
 melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.  
 (Cego é talvez quem esconde os olhos  
 embaixo do catre.) E na meia-luz  
 tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem  
 e tudo que ele implica de suave,  
 de concordâncias vegetais, murmúrios  
 de riso, entrega, amor e piedade?

Não amei bastante sequer a mim mesmo,  
 contudo próximo. Não amei ninguém.  
 Salvo aquele pássaro – vinha azul e doido –  
 que se esfacelou na asa do avião. (2012, p. 24)

No poema podemos ver a relação antro-po-ética que vai se manifestando entre “o indivíduo singular e a espécie humana como um todo”, da forma como Edgar Morin (2002. p. 113) considera. O eu poético reconhece que não ama o bastante seu semelhante e nem a si mesmo. Mostra sua incapacidade diante da relação que marca e diferencia a espécie humana. Sem amor o homem não escapa da morte. Ao afirmarmos nossa identidade de seres que amam, estamos nos solidarizando com o outro e constituindo uma noção de fraternidade entre todas as mais diferentes espécies que formam nosso planeta. É o sentimento de humanidade que precisa ser cultivado entre as pessoas.

Por meio do poema, questiona-se a condição de sujeito e de estar no mundo. É possível compor um homem esvaziado de amor, frio nos sentimentos restauradores de subjetividade? Não cremos nessa possibilidade. Levar cada um a pensar na sua forma de ser humano é uma maneira de colocar o homem diante de si mesmo, de seu reflexo, para construir um poder de indagação, afastando-se da cegueira imediata. Perscrutar pode nos levar para respostas que nos definam como criaturas numa dimensão dialógica e humana. “ Por que nascemos para amar, se vamos morrer? Por que morrer, se amamos? Por que falta sentido ao sentido de viver, amar, morrer?” (DRUMMOND, 2012, p. 56).

Outro poeta que dialoga com as ideias de Edgar Morin é Thiago de Mello, poeta amazonense, com sua poesia de emancipação. Em “Os Estatutos do Homem”, ele chama atenção para o direito à vida, aos sonhos e à liberdade. Mostramos alguns trechos:

#### Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.  
agora vale a vida,  
e de mãos dadas,  
marcharemos todos pela vida verdadeira.

#### Artigo IV

Fica decretado que o homem  
não precisará nunca mais  
duvidar do homem.  
Que o homem confiará no homem  
como a palmeira confia no vento,  
como o vento confia no ar,  
como o ar confia no campo azul do céu.

#### Parágrafo único:

O homem, confiará no homem  
como um menino confia em outro menino.

#### Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido  
o reinado permanente da justiça e da claridade,  
e a alegria será uma bandeira generosa

para sempre desfraldada na alma do povo.

#### Artigo XI

Fica decretado, por definição,  
que o homem é um animal que ama  
e que por isso é belo,  
muito mais belo que a estrela da manhã.

#### Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado  
nem proibido,  
tudo será permitido,  
inclusive brincar com os rinocerontes  
e caminhar pelas tardes  
com uma imensa begônia na lapela.

#### Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:  
amar sem amor.

#### Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro  
não poderá nunca mais comprar  
o sol das manhãs vindouras.  
Expulso do grande baú do medo,  
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal  
para defender o direito de cantar  
e a festa do dia que chegou.

#### Artigo Final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade,  
a qual será suprimida dos dicionários  
e do pântano enganoso das bocas.  
A partir deste instante  
a liberdade será algo vivo e transparente  
como um fogo ou um rio,  
e a sua morada será sempre  
o coração do homem. (2001, p. 273)

Esse texto pode ser trabalhado de uma forma muito reflexiva entre professores e alunos. O professor pode estimulá-los à discussão e promover um debate sobre cada um dos artigos. Essa atividade desperta a imaginação, provoca um desejo de liberdade e constrói uma abertura para a diversidade de ideias e de comportamentos. Outra coisa interessante nessa proposta de atividade de leitura é a construção de um momento para ouvir o outro. Costumamos não ser ouvintes do outro. Não paramos para escutar o que a outra pessoa tem para nos dizer. A oralidade será cultivada e cada um pode manifestar sua interpretação sobre o texto.

Outros poemas de Thiago de Mello enveredam por um conteúdo que inspira coragem e solidariedade ao próximo, “faz escuro mas eu canto, porque amanhã vai chegar” (1999, p. 60). É na perspectiva do amanhã que todos nós somos convocados para a realização de uma nova trajetória humana que não usurpe o direito dos mais fracos. A defesa pela vida e por uma sociedade menos medíocre deve constar como um acontecimento universal.

O sentimento de esperança se mantém na poesia de Mário Quintana, que responde às indagações do homem, revigora seu desejo de viver, inserindo-o numa prática de comunhão. Toda sua poesia é de vida e amor. É um canto que florescia nossa alma e miraculosamente apazigua nossas dores. Vejamos o poema “Emergência”:

Quem faz um poema abre uma janela.  
Respira, tu que estás numa cela  
abafada,  
esse ar que entra por ela.  
Por isso é que os poemas têm ritmo —  
para que possas profundamente respirar.  
Quem faz um poema salva um afogado. (2001, p. 12)

A poesia nos liberta com seu vigor de luz, de ritmos, de sons, de cores. Ela nos traz a integridade e autonomia perdida. O primeiro e o último verso falam da criação do poema como metáfora de transformação, de perspectiva e de mudança de vida. Nesse poema podemos chamar atenção de um dos elementos da natureza, o ar. O verbo respirar aparece duas vezes indicando a necessidade que temos do ar, para nos manter vivos. Esse ar precisa ser cuidado pelo homem. A poesia está nos ajudando a enxergar que todos nós estamos conectados ao outro pelo ar que respiramos. O ar nos unifica, torna-se elemento comum a todos nós que habitamos o planeta terra.

Muitos outros poemas de Mário Quintana traduzem uma simplicidade que nos delicia diante dos atropelos e dos embaraços que comumente a vida anuncia. No poema “Da observação”, aconselha a um comportamento de compreensão.

Não te irrites, por mais que te fizerem...  
Estuda, a frio, o coração alheio.  
Farás, assim, do mal que eles te querem,  
Teu mais amável e sutil recreio. (1951, p. 01).

O poema nos adverte para a tolerância com o outro, com os nossos pares. O respeito à diversidade é importante para manter a harmonia da convivialidade. Aceitar

comportamentos diferentes é elevar o grau de maturidade, é exercitar a aceitabilidade daquilo que é estranho e, às vezes, repugnante. Precisamos aprender com as diferenças e fazer delas um mecanismo de aprendizagem, o nosso “mais amável e sutil recreio”.

Ao ler poemas com temáticas que trazem nossa condição humana e nossa situação planetária, estamos construindo uma base reflexiva que demanda debates e possibilidades de construção de novas mentalidades. Muitos poemas trazem um viés transdisciplinar, sendo possível diferentes diálogos, envolvendo também diferentes áreas como a mitologia, a história, a antropologia, a psicologia, a ecologia, entre outras, vinculadas, portanto, na lógica da comunicação. A humanidade traz uma noção ética, “é o que deve ser realizado por todos e em cada um” (MORIN, 2002, p. 114).

### **Considerações finais:**

Para desenvolver a educação planetária, o homem precisa repensar sua condição humana. Incorporar nela uma postura de sujeito pensante capaz de redimensionar sua trajetória terrena. Uma forma de cultivar esse fazer imediato é adentrar no espaço da linguagem poética. A poesia propicia um exercício extraordinário com a nossa alma. Exercita nossa sensibilidade, ameniza a indiferença, socializa nossas dores. Ela tem um material poético que responde às reflexões de Edgar Morin (2002).

Os princípios que regem os saberes podem ser desenvolvidos de uma forma surpreendente. Manoel de Barros é o poeta da natureza. Drummond o poeta filosófico que carrega o sentimento de mundo. Thiago de Mello o poeta que canta a liberdade do homem. Mário Quintana o poeta da esperança. Na poesia se configura os eixos norteadores que podem ser desenvolvidos em busca de uma educação integral de qualidade, como propõe Morin (2002). Ela comporta a matéria, o infinito, o mistério. Em torno dela, um novo mundo se constrói infinitamente grande, com outras cores, outros cheiros, outras faces. A poesia renova nosso fulgor, nos introduz no cosmos das imagens, dos sonhos, das possibilidades, das outras formas de viver.

A crise da dimensão cultural atinge a identidade do homem. Pela literatura percebemos a profundidade desse drama, dos conflitos e da perda de sentido. O homem tem uma missão na terra e quando percebe sua missão se evade. Falta-lhe coragem para enfrentar o caos. A responsabilidade sobre essa missão o apavora, então recua para o deserto por falta de sensibilidade e capacidade de enfrentar as adversidades propostas

pelo mundo. Sua omissão tem causado uma grande confusão no mundo. Se a literatura e, em especial, a poesia responde a um projeto do homem e do mundo, logo as questões essenciais de nossa humanidade, ali tratadas, devem buscar o caminho da integridade, da autonomia e da responsabilidade.

### Referências Bibliográficas:

- Andrade, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. posfácio Betina Bischof — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Nova reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília; INL, 1983.
- Bachelard, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação e o movimento**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Barros, Manoel de. **Menino do Mato**. São Paulo: Editora Leya, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Barthes, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moises. Editora Cultrix: São Paulo, 1977.
- Calvino, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Joachim, Sébastien. **Novos aspectos da leitura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- Morin, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. — 6ª ed. — São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- Mello, Thiago de. **Os estatutos do homem**. In: PINTO, José Nêumane. Os cem melhores poetas brasileiros do século. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Faz frio mas eu canto**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- Quintana, Mário. **Espelho mágico**. Porto Alegre: Globo, 1951.
- \_\_\_\_\_. **Emergência**. In: MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores poemas brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.